

# SEMINÁRIO E ENSINO: ESTRATÉGIAS PARA DIDATIZAR O GÊNERO DISCURSIVO ORAL

Fabrini Katrine da Silva Bilro<sup>1</sup>  
Débora Amorim Gomes da Costa-Maciel<sup>2</sup>

Dentre a grande variedade de práticas escolares que envolvem o uso da oralidade, o gênero textual seminário apresenta-se como uma das principais atividades desenvolvidas com o objetivo de possibilitar a interação entre os sujeitos e a aprendizagem de conhecimentos diversos, conforme revelam pesquisas desenvolvidas por Schneuwly e Dolz (2004), Vieira (2007), Costa-Maciel e Bilro (2015). Trata-se de um evento discursivo, propriamente escolar, através do qual um locutor interage com seus interlocutores por meio da linguagem oral (apoiado por recursos gráficos), buscando construir e compartilhar informações.

Movidas por essa compreensão, analisamos a prática de uma docente de Língua Portuguesa, regente de turmas do 9º ano do Ensino Fundamental de uma Escola Municipal da cidade de Condado-PE, buscando compreender quais estratégias didáticas são mobilizadas para o ensino do gênero textual seminário. Para realizarmos esse estudo, utilizamos como instrumento de pesquisa a entrevista semiestruturada (MINAYO, 1993) e tratamos os dados coletados sob o prisma qualitativo, com emprego de elementos da técnica da análise de conteúdo categorial (BARDIN, 1997).

## Oralidade e ensino: gênero textual seminário

Ao tratarmos de oralidade, logo estabelecemos uma relação com os diversos momentos em que utilizamos a fala para exteriorizarmos nossos enunciados. No entanto, se analisarmos os diversos usos sociais da linguagem falada, poderemos perceber que o oral não se restringe apenas a vocalização de palavras em situações “informais”, uma vez que não existe “o oral”, mas “os orais”: cotidianos, formais públicos e escritos oralizados; uns mais informais, outros mais restritos e normatizados, mas todos construídos a partir de um “modelo” idealizado e aceito socialmente, de acordo com as situações de uso e as necessidades dos falantes. O que conduz a análise não apenas da modalidade oral da língua, mas dos gêneros orais: práticas sociais interativas, com fins comunicativos, que se materializam na realidade sonora (MARCUSCHI, 2010), consideradas como megainstrumentos que concebem aos indivíduos a ampliação de suas capacidades comunicativas (SCHNEUWLY e DOLZ, 2004).

Inserido na proposta de abordagem da oralidade como objeto autônomo de ensino-aprendizagem, o gênero textual seminário é definido por Schneuwly e Dolz (2004, p. 185) como

um gênero textual oral público, relativamente formal e específico, no qual um expositor especialista dirige-se a um auditório, de maneira (explicitamente) estruturada, para lhe transmitir informações, descrever-lhe ou explicar alguma coisa.

Constituindo-se como uma oportunidade de incentivar a pesquisa, o trabalho colaborativo e a aprendizagem independente dos sujeitos, por permitir a materialização de textos orais e escritos, assim como a construção conjunta e interativa de conhecimento entre professores - alunos - alunos.

<sup>1</sup> Universidade de Pernambuco, Nazaré da Mata, Pernambuco, Brasil. E-mail: [fabrinibilro@hotmail.com](mailto:fabrinibilro@hotmail.com).

<sup>2</sup> Universidade de Pernambuco, Nazaré da Mata, Pernambuco, Brasil. E-mail: [deboracostamaciel@gmail.com](mailto:deboracostamaciel@gmail.com).

No âmbito das práticas pedagógicas, a produção e a realização do seminário, assim como de qualquer outro gênero textual formal (oral ou escrito), exige que o sujeito acione e utilize uma série de competências comunicativas próprias da linguagem oral, e também da escrita, que não são apreendidas de maneira espontânea. Competências que para serem desenvolvidas necessitam da elaboração e da efetivação de uma proposta didática que trate o gênero como objeto autônomo de ensino-aprendizagem, em que os professores de língua materna tomem para si a responsabilidade de desenvolver e de realizar intervenções didáticas ligadas aos aspectos do conteúdo; às dimensões comunicativas; e aos procedimentos linguísticos e discursivos característicos desse gênero oral (SCHNEUWLY e DOLZ, 2004).

A partir dessa compreensão, apresentamos, a seguir, a análise das estratégias didáticas utilizadas pela docente no trato com o seminário.

### **Estratégias de didatização do seminário**

Ao tratar da didatização do seminário, a docente situa a discussão a partir da descrição de uma sequência didática, envolvendo o tema “Alimentação Saudável”. Por meio da análise desta atividade, pudemos observar que, em sua metodologia de ensino, a docente mobiliza estratégias didáticas que categorizam o seminário em 2 (duas) dimensões: 1) gênero como objeto autônomo de ensino; 2) gênero como exigência da rotina escolar.

Para o trato do **gênero seminário enquanto objeto autônomo de ensino**, percebemos que a docente inicia a atividade com a escolha do tema: Alimentação Saudável, que se dá devido a uma demanda colocada pela observação dos hábitos alimentares do grupo-sala no espaço escolar. Sobre isso ela afirma:

Eu decidi esse tema, por que alimentação saudável e não outro, né? Pelo fato da observação deles chegarem na escola muito cedo e a gente já vê muito salgadinho, gente chupando chiclete o tempo inteiro[...]O tema veio aí dessa observação dos meninos.

Nesse trecho, a docente revela a preocupação em eleger um tema próprio do contexto real dos alunos, fazendo com que percebam a necessidade de investigar e de apresentar aos demais colegas informações sobre hábitos do seu dia a dia.

Escolhida a temática, há um investimento no conteúdo a ser tratado por meio da realização de leituras, da apresentação de vídeos e da promoção de debates, recursos que oferecem aos alunos a possibilidade de analisar os diferentes posicionamentos e aspectos relacionados ao assunto abordado. De acordo com a docente:

[...] o passo a passo desse trabalho, começou com a leitura de alguns textos, de alguns debates [...] Aí depois eu trouxe alguns vídeos falando dicas de alimentação saudável, até do próprio Ministério da Saúde [...] a gente também tem alguns textos no próprio livro deles que falam sobre isso. Então a gente tentou aí aproveitar esses textos que já estavam no livro pra trabalhar o assunto e pra eles ficarem mais familiarizados com isso e no dia apresentarem o trabalho.

Acreditamos que estratégias como essa, de inserir os alunos na discussão acerca do assunto por meio da apresentação de textos em diversos suportes (internet, livro didático) e de familiarizá-los com o tema trabalhado, além de inserir o aluno na discussão do tema, possibilita a interação ativa entre alunos-professor-alunos-fontes de conhecimentos, fazendo com que todos sintam-se parte do processo de construção do conhecimento.

Após contextualizar a temática e despertar o interesse nos alunos de pesquisar sobre o assunto, a docente prossegue com a distribuição dos tópicos que serão apresentados pelos grupos, estratégia que caracteriza a organização estrutural do seminário. Ela diz: “E aí depois desses textos lidos, desses vídeos que a gente viu, aí a gente foi tentar dividir por turmas, por grupos na turma, quem iria apresentar cada tópico.”. Nesse momento, cada grupo fica ciente da parte do assunto que irá pesquisar e apresentar aos demais colegas.

Divididas as partes, os alunos são orientados a investigarem o assunto em fontes diversas, internet e livro didático, como podemos observar na seguinte fala:

[...] eles fizeram (a pesquisa) na própria sala com o livro, com a leitura no livro didático deles, outras, eles tiveram que pesquisar fora, principalmente na hora que a gente dividiu, né, o que cada grupo iria apresentar. Eles fizeram essa pesquisa na internet [...]

Após as pesquisas, os alunos, juntamente com a docente, realizaram a análise e a seleção das informações principais que seriam apresentadas, aprendendo a organizar os diferentes tipos de conhecimentos a partir do contexto comunicativo colocado (SCHNEUWLY e DOLZ, 2004). Nesse momento, os alunos foram orientados a identificarem que informações seriam interessantes para serem apresentadas, considerando seus destinatários, no caso a professora e o grupo-sala. É o que podemos observar no seguinte trecho:

[...] eu separei um minutinho da aula pra conversar com esse pessoal sobre o que eles poderiam descartar daquela pesquisa, o que seria mais relevante eles apresentarem, o que eles acharam que deveriam passar pra outra turma [...]

Os alunos também foram orientados acerca de elementos próprios à situação de comunicação e às características linguísticas do seminário, como os papéis que iriam assumir no momento da apresentação e o registro adequado a essa situação de comunicação, no caso, a linguagem formal, sempre atentos à função e ao objetivo do gênero: informar/expor. Passam a ter importância considerável tanto as situações de produção e circulação dos textos como a significação que nelas é forjada (SCHNEUWLY e DOLZ, 2004). Acerca disso, ela diz:

[...] eu trouxe o registro que eles precisariam usar, a forma como eles deveriam apresentar que deveria ser um registro culto, né, ali, uma linguagem mais formal, até porque eles estavam ali na frente, tavam ali como mediadores do conhecimento naquele momento.

Estratégias como estas, possibilitam aos alunos o conhecimento das características próprias de situações formais de uso da linguagem oral, as quais não são adquiridas espontaneamente. Além disso, faz com que eles compreendam que monitoramos a fala em função do ambiente, do interlocutor e do conteúdo a ser tratado (BORTONI-RICARDO, 2004). Deixando-os cientes do quê, de para quem e do como irão falar as informações coletadas.

Tendo em vista que o seminário, geralmente, é estruturado a partir da alternância entre discurso e apresentação de documentos que comprovem o que foi colocado, no momento de planejamento, ainda foram preparados materiais que iriam servir de apoio a apresentação, como cartazes e slides, os quais foram produzidos pelos alunos com a orientação da docente. Ela afirma que

Eles trouxeram as imagens pra elaborar os cartazes, esses cartazes foram feitos na própria sala de aula. [...] a responsabilidade dos slides que todos os grupos utilizaram, foi também uma questão que eles mesmos que fizeram.

Ao levar os alunos a produzirem de maneira autônoma os materiais que servirão de apoio à apresentação do seminário, a docente faz com que eles percebam a diversidade de suportes (orais e escritos) que são necessários para a produção e realização desse evento discursivo (SCHNEUWLY e DOLZ, 2004).

Além do trato do **seminário** como objeto de ensino, percebemos que na prática da docente esse gênero oral é utilizado **como meio para o cumprimento de uma exigência da rotina escolar**, a saber, a atribuição de notas. Para ela,

[...] o objetivo principal era avaliar o dia dessa apresentação. Como eles iriam chegar ali e iriam falar tudo aquilo que eles pesquisaram. Então assim, claro que eu levei também em consideração na hora de colocar a nota, como eu disse né, essa nota de participação do gênero oral, eu levei em consideração também eles trazerem as pesquisas, elaborarem os cartazes, terem a boa vontade de pesquisarem os vídeos, de preparar os slides, tudinho.

Neste trecho, a docente apresenta outra dimensão do trato com o seminário. Ela revela que o gênero é comumente produzido como meio para o cumprimento de uma exigência da rotina escolar, avalia-se habilidades com o objetivo de atribuir notas. Segundo ela, apesar de enfatizar a função comunicativa do gênero, a dimensão avaliativa ainda constitui-se como um dos principais motivos que leva os alunos a construir e a realizarem o seminário. Aspecto também revelado por estudos desenvolvidos por Vieira (2007), de acordo com os quais, o foco na avaliação e atribuição de notas configura-se como uma estratégia docente para incentivar à participação dos alunos, pois, ao perceberem que estão sendo avaliados, eles demonstram um maior engajamento na realização da atividade.

Por meio da análise da prática da docente, percebemos que ela utiliza em seu passo a passo metodológico estratégias que motivam os alunos a produzirem o seminário e que os levam a compreenderem o processo de produção desse gênero oral. Possibilitando, junto aos alunos, o ensino, o desenvolvimento e a ampliação de habilidades necessárias ao uso da linguagem oral formal nos diversos contextos comunicativos.

### **Considerações finais**

Esta pesquisa buscou analisar, no âmbito das práticas pedagógicas de uma professora de Língua Portuguesa, regente de turmas do 9º ano do Ensino Fundamental, as estratégias didáticas mobilizadas na docência para o ensino do gênero oral seminário. Através da análise dos dados, observamos que, em sua metodologia, a docente utiliza estratégias que categorizam o seminário em 2 (duas) dimensões: 1) gênero como objeto autônomo de ensino; 2) gênero como exigência da rotina escolar.

Para o trato do seminário enquanto objeto de ensino, a docente utiliza estratégias que abordam elementos essenciais a sua compreensão e as suas condições de produção nas diferentes práticas de linguagem, a saber: o quê? Por quê? Para quê? Para quem? Como? Estratégias que possibilitam uma organização didática do oral direcionada e preocupada com o desenvolvimento de competências necessárias ao uso da fala em diversas instâncias de produção, que não se resumem a sala de aula nem ao estudo do seminário, visto que

proporcionam situações didáticas em que o aluno é levado a confrontar e a explicar suas ideias de forma organizada, levando em conta as diferentes esferas de uso da fala pública.

Além de objeto de ensino, o gênero textual seminário é utilizado pela docente como meio para o cumprimento de uma exigência da rotina escolar. Para isso, ela avalia habilidades com o objetivo de atribuir notas. Estratégia que, de acordo com a professora, motiva os alunos a construírem e a realizarem o gênero oral.

Sendo assim, compreendemos, através dos dados, que, na prática da docente investigada, o gênero textual seminário assume perspectivas que, apesar de aparentemente diversas, inter-relacionam-se, construindo o fazer-docente e contribuindo para que os alunos aceitem, compreendam e produzam o gênero enquanto ação discursiva com fins sócio-comunicativos.

### Referências

BARDIN, L. **Análise de Conteúdos**. Lisboa: Edições 70, 1997.

BORTONI-RICARDO, S. **Educação em língua materna: a sociolinguística na sala de aula**. São Paulo: Parábola Editorial, 2004.

COSTA-MACIEL, D. A. G. da; BILRO, F. K. da S. Afinal, a oralidade pode ser ensinada? O que propõem os livros didáticos de língua portuguesa? In: **Anais da 37ª Anped**, 2015.

MARCUSCHI, L. A. **Da fala para a escrita**. Atividades de retextualização. São Paulo: Cortez, 2010.

MINAYO, M. C. de S. **O desafio do conhecimento científico: pesquisa qualitativa em saúde**. 2. ed. São Paulo/Rio de Janeiro: Hucitec-Abrasco, 1993.

SCHNEUWLY, B.; DOLZ, J. **Gêneros orais e escritos na escola**. Campinas, SP: Mercado das Letras, 2004.

VIEIRA, A. R. F. **Seminários escolares: gêneros, interações e letramentos**. Recife: ed. Universitária da UFPE, 2007.